

e-book

RAÍZES EM MOVIMENTO

Módulo - Relações étnico-raciais



RAÍZES EM
MOVIMENTO



EMPODERA
Transformação Social pelo Esporte



Expediente

REALIZAÇÃO

Empodera - Transformação Social Pelo Esporte
Praça Mahatma Gandhi, 2 - sala 1210
Rio de Janeiro, RJ - CEP 20031-908
www.empodera.org.br

REDAÇÃO | EMPODERA:

Raissa Vieira G. da C. Sobral, Fernanda Garcia
e Gabriela Furtado do Nascimento

REVISÃO | EMPODERA:

Jane Moura e Thaís Olivetti

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO:

Hillary de Oliveira

© 2025 Empodera. Todos os direitos reservados.
Este material, E-book Raízes em Movimento
- Relações Étnico-Raciais, é parte do material
curricular do projeto Raízes em Movimento,
implementado pela Empodera.



Lei de
Incentivo ao
Esporte



MINISTÉRIO DO
ESPORTE





Sumário

Introdução » 4

Sobre o Raízes em Movimento » 6

Metodologia » 9

Sobre a Empodera » 11

1. Relações étnico-raciais » 12

2. Racismo, preconceito e discriminação racial » 15

3. Interseccionalidade » 24

Aprofunde suas raízes » 28

Referências » 29



Introdução

Esta série de e-books é uma semente do projeto Raízes em Movimento, desenvolvido e implementado pela Empodera - Transformação Social pelo Esporte. Este material foi idealizado com o objetivo de sistematizar e compartilhar os principais conteúdos e práticas construídas ao longo da jornada formativa do primeiro ano do projeto.

Além de registrar os conceitos e estratégias trabalhadas, a série de e-books do Raízes em Movimento tem como objetivo inspirar e apoiar profissionais que atuam com esporte e práticas corporais voltadas para crianças e adolescentes, especialmente aqueles que trabalham com povos e populações tradicionais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.



Cada e-book também reúne reflexões e relatos compartilhados pelas pessoas participantes do projeto. Ele serve como um recurso pedagógico contínuo, podendo ser atualizado ao longo das próximas edições do Raízes em Movimento para incorporar novos aprendizados.

Organizados em módulos temáticos, os conteúdos refletem as principais abordagens do projeto. Convidamos você a explorar esta série com atenção às possibilidades de transformação que o esporte pode proporcionar. Que ela inspire novas práticas e ajude a criar um esporte mais inclusivo, seguro e igualitário para meninas e mulheres em todo o Brasil.

"A gente **precisa ter** esse conhecimento."

- Participante do território de São Bento, Maranhão.





Sobre o *Raízes em Movimento*

O *Raízes em Movimento* foi criado com o propósito de construir estratégias para aumentar a participação de meninas e mulheres no esporte, promovendo a equidade de gênero e raça. A partir de uma metodologia colaborativa e dinâmica, o projeto oferece uma jornada formativa destinada a profissionais que atuam diretamente com esporte e práticas corporais, priorizando comunidades indígenas, quilombolas e outras populações tradicionais em contextos de vulnerabilidade social.

Em sua primeira edição, o projeto foi implementado em duas localidades: Prado, no extremo sul da



Bahia, e São Bento, na Baixada Maranhense. Essas regiões foram selecionadas devido aos desafios significativos que enfrentam, como a falta de oportunidades formativas para profissionais e as barreiras que meninas encontram para acessar e permanecer no esporte.

Os encontros, realizados em formatos on-line e presenciais, abordam temas como as barreiras estruturais e culturais para o acesso de meninas e mulheres ao esporte; violências de gênero e marcos legais; e estratégias antirracistas. Respeitando os aspectos socioculturais de cada território, o projeto promove um espaço de troca de saberes e o fortalecimento de redes de apoio para estimular a transformação da realidade local.





"O projeto Raízes em Movimento trouxe pra minha vida um momento grandioso de felicidade, de grande expectativa. Há muito tempo trabalho com educação física, e posso dizer que esse projeto veio como algo inovador pra minha vida. **De hoje em diante as minhas aulas de educação física serão totalmente diferentes.** As meninas da minha escola que me aguardem!"

- Participante do território de Prado, Bahia.





Metodologia

A metodologia utilizada no Raízes em Movimento baseia-se em abordagens ativas e participativas, colocando as experiências e vivências das pessoas participantes no centro do processo de ensino-aprendizagem.

"Essa metodologia foi maravilhosa, é uma coisa que eu aprendi e achei fantástica. Essa forma lúdica de estar construindo conceitos, de estar passando informação, eu penso que vai ter muito fruto."

- Participante do território de Prado, Bahia.

De acordo com Diesel, Baldez e Martins (2017), metodologias ativas priorizam os aprendizes como protagonistas, valorizando suas experiências, opiniões e valores na construção coletiva do conhecimento. No Raízes em Movimento, essas metodologias são aplicadas por meio de estratégias pedagógicas como:

- **Pequenos grupos:** para aprofundar discussões, promover trocas e engajar ativamente todas as pessoas participantes;



- **Jogos e dinâmicas:** para facilitar a interação, desenvolver habilidades práticas e abordar temáticas de forma criativa e envolvente;
- **Quebra-gelos:** para acolher e integrar participantes, criando um ambiente seguro e colaborativo;
- **World Café:** como ferramenta para estimular diálogos em grande grupo, promovendo a cocriação de ideias e reflexões coletivas.

Essas abordagens buscam promover um aprendizado dinâmico e contextualizado, adaptável às especificidades culturais e sociais de cada território, além de criar um espaço de protagonismo e autonomia para as pessoas participantes.

*“Nunca participei de uma formação que eu pudesse falar coisas erradas e depois mudar de opinião. **Com confiança de falar, de errar, de aprender com os erros.**”*

- Participante do território de São Bento, Maranhão.



Sobre a *Empodera*

Fundada em 2017 no Rio de Janeiro, a Empodera - Transformação Social pelo Esporte é uma organização sem fins lucrativos que utiliza o esporte e as práticas corporais como ferramentas para promover os direitos das meninas e mulheres brasileiras. A missão da organização é promover o empoderamento dessas meninas e mulheres, respeitando suas pluralidades, e construindo um país onde possam exercer seus direitos e pleno potencial.

A atuação da Empodera está fundamentada em três pilares principais:

1. Implementação direta de projetos esportivos voltados para o empoderamento de meninas e mulheres;
2. Desenvolvimento e adaptação de metodologias esportivas inclusivas;
3. Suporte técnico a outras organizações para fortalecer programas esportivos mais seguros e acolhedores.

Com essa missão em mente, a Empodera busca transformar o esporte em um espaço de inclusão, aprendizado e empoderamento.



1. Relações étnico-raciais

As relações sociais no Brasil são diversas e atravessadas por diferenças culturais, religiosas, artísticas, raciais, de gênero, entre outras. Essas relações influenciam a construção do indivíduo enquanto cidadão. Como vivemos em uma sociedade marcada por essas diferenças, a discussão sobre as relações étnico-raciais torna-se fundamental para a formação de cada pessoa.

Nesse e-book abordaremos as relações étnico-raciais, buscando compreender como as interações sociais são influenciadas pela percepção de semelhanças e diferenças ligadas ao pertencimento a **grupos racializados**. Esses grupos, por conta de sua origem racial e/ou étnica, são historicamente tratados de forma desigual na sociedade.



Podemos dizer que um grupo é racializado quando suas características raciais são socialmente construídas, influenciando a forma como as pessoas inseridas nestes grupos são tratadas pela sociedade.

Vale frisar que **raça e etnia são conceitos diferentes**. No contexto social, **raça** é utilizado para tratar as complexas relações que diferenciam determinados grupos racializados, como negros e indígenas, no âmbito social, político e econômico. Sendo assim, não cabe a associação do termo **raça** a uma dimensão biológica. Já **etnia** diz respeito a um conjunto de tradições, cultura, costumes e língua, que definem a identidade de uma comunidade. Que, mais uma vez, reforça que as noções de **raça** e **etnia** são construídas socialmente, refutando a dimensão biológica dada a **raça**¹.

1 GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Geledés, mar. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em 06/03/2025



Com isso, as relações de poder estabelecem as vantagens e desvantagens entre grupos racializados, criando uma hierarquia que reforça a superioridade da **branquitude** e a inferiorização de outros grupos, como negros, indígenas e quilombolas.



Utilizamos o termo **branquitude** para identificar a cor/raça branca como elemento estruturante nas sociedades onde o fenômeno do racismo está enraizado em sua construção. É de suma importância a compreensão deste termo e a apropriação daqueles que fazem parte da branquitude na contribuição do combate e enfrentamento ao racismo.





2. Racismo, preconceito e discriminação racial

Essa estrutura de poder ou hierarquia reforça as desigualdades raciais no Brasil, afetando negativamente as populações negra e indígena, enquanto privilegia a população branca, mesmo considerando diferenças de classe social. É dentro dessa dinâmica que violências como o racismo, discriminação e preconceito racial se manifestam no dia a dia.



Embora estejam conectados, esses três conceitos não são sinônimos. Para enfrentar essas violências, é essencial reconhecê-las e diferenciá-las. Por isso, iremos apresentar a definição de cada um deles seguido de exemplos e relatos.

- **Racismo**²: Se estabelece através da relação de poder que privilegia uns e desfavorece outros, hierarquizando grupos racializados em termos de superioridade e inferioridade. A seguir, apresentamos um exemplo de como o racismo opera na sociedade.



Primeira Lei de educação, de 1837:
Neste ano, foi sancionada uma lei para proibir pessoas escravizadas nas escolas públicas e revogar o artigo do Estatuto anterior: Proibindo a admissão de pessoas escravas nas aulas públicas. Art. 1 - Fica proibido desde já receberem-se nas aulas públicas pessoas que não sejam livres.³

Essa legislação é de um período no Brasil onde o sistema escravista ainda estava em atuação, ou seja, as pessoas escravizadas, ainda que livres, não

2 ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural: feminismos plurais. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019..

3 BARROS, Surya Pombo de. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg/> Acesso em: 13/03/2025



tinham acesso a direitos básicos como moradia, saúde e educação. O estatuto anterior desta lei até chegou a incluir a aceitação de pessoas que “não fossem livres” porém o ensino destinado a elas seria limitado à aprendizagem de prendas domésticas.⁴

Com isso, a lei de 1837 é enfática ao negar o ensino para pessoas que não fossem livres na época, ou seja, negros e indígenas escravizados durante os 300 anos de escravidão no Brasil. Dessa forma, o acesso à educação foi negado a esses grupos, violando seu direito à aprendizagem. Essa exclusão deixou marcas profundas, refletidas até hoje nas desigualdades sociais. Em 2019, por exemplo, a taxa de analfabetismo entre pessoas negras era quase o dobro em comparação à da população branca.⁵



Com isso, racismo também poderá ser definido como um “processo político, social, econômico, cultural e histórico que funciona por meio de violações de direitos e violências contra um grupo humano cujos corpos estão mais distantes do acesso a direitos, espaços de poder e oportunidades e mais próximos das exclusões, discriminações e preconceitos”⁶

4 BARROS, Surya Pombo de. *Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 595, jul./set. 2016. Acesso em: 13/03/2025

5 Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais (CEDRA). 2022.

6 MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Glossário antidiscriminatório: volume 3 – raça e etnia*. Belo Horizonte: MPMG, 2022. p.66. Acesso em: 11 mar. 2025.



- **Preconceito racial**⁷: Julgamento pré-estabelecido, construído a partir de estereótipos que aprisionam determinados grupos e/ou indivíduos racializados em papéis sociais marginalizados. Abaixo compartilhamos dois relatos de pessoas negras que vivenciaram situações de preconceito racial.

*“Eu estava indo para o treino que eu fazia quando criança sozinha numa área nobre da minha cidade, eu era uma menina de 13 anos e não sabia pentear o meu cabelo crespo e as minhas roupas eram doadas, então não estavam em bom estado. Nisso me deparei com uma mulher que se assustou e falou assim “essa gentinha aí nunca se sabe” segurando a bolsa ao mesmo tempo”.*⁸

7 GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Geledés, mar. 2017. <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em 06/03/2025

8 Relato pessoal - Mulher negra de 22 anos



*“Sou professora de educação física e fui ao shopping após um dia de aula de um projeto social, estava com o meu cabelo, que é black, solto e com uniforme de trabalho que deixava evidente em qual área atuava. Ao entrar numa loja o atendente precisou procurar o produto que eu queria em outra loja e fiquei sozinha aguardando, nisso, **entrou um casal na loja e a mulher olhou bem no fundo dos meus olhos e perguntou se eu trabalhava no local.**”⁹*

O preconceito surge a partir de ideias pré-concebidas. Nos relatos citados, as pessoas agressoras já tinham uma visão prévia sobre aqueles corpos negros, sem considerar outros fatores como idade ou vestimenta. Embora as ações tenham resultado em discriminação, antes mesmo de se ter alguma ação houve um juízo de valor induzido pela cor de pele.



Discriminação racial¹⁰: Ação que viola direitos de indivíduos e/ou grupos racializados, tendo como base o julgamento pejorativo a partir de sua raça e/ou etnia. A seguir, apresentamos mais dois relatos de pessoas negras que passaram por uma situação de discriminação racial.

“Em 2011, eu trabalhava pra uma família como babá e a mãe do meu chefe era extremamente racista. Teve um almoço de domingo que eu fui na casa dela com os pais da menina. Tava todo mundo ao redor da mesa se sentando pra almoçar, ***nisso a mãe do meu chefe se aproximou e me disse que eu não podia comer junto com a família, porque ela não gostava de preto.***”¹¹

10 GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Geledés, mar. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em 06/03/2025

11 Relato pessoal, Gisele Felipe, Geledés, <https://www.geledes.org.br/20-relatos-de-racismo-que-parecem-verdadeiras-historias-de-terror>. Acesso em 11/02/2025



“Estava na fila para sacar dinheiro na farmácia do lado de casa e havia uma viatura da polícia no lado de fora. O policial me chamou mas eu não havia escutado de primeira e quando finalmente virei tinha uma arma apontada para mim, ele achou que eu iria roubar a pessoa que estava na minha frente sacando dinheiro e eu tomei uma dura, ***fui revistado, mandaram eu levantar a camisa e isso tudo com a arma apontada pra mim.***”¹²

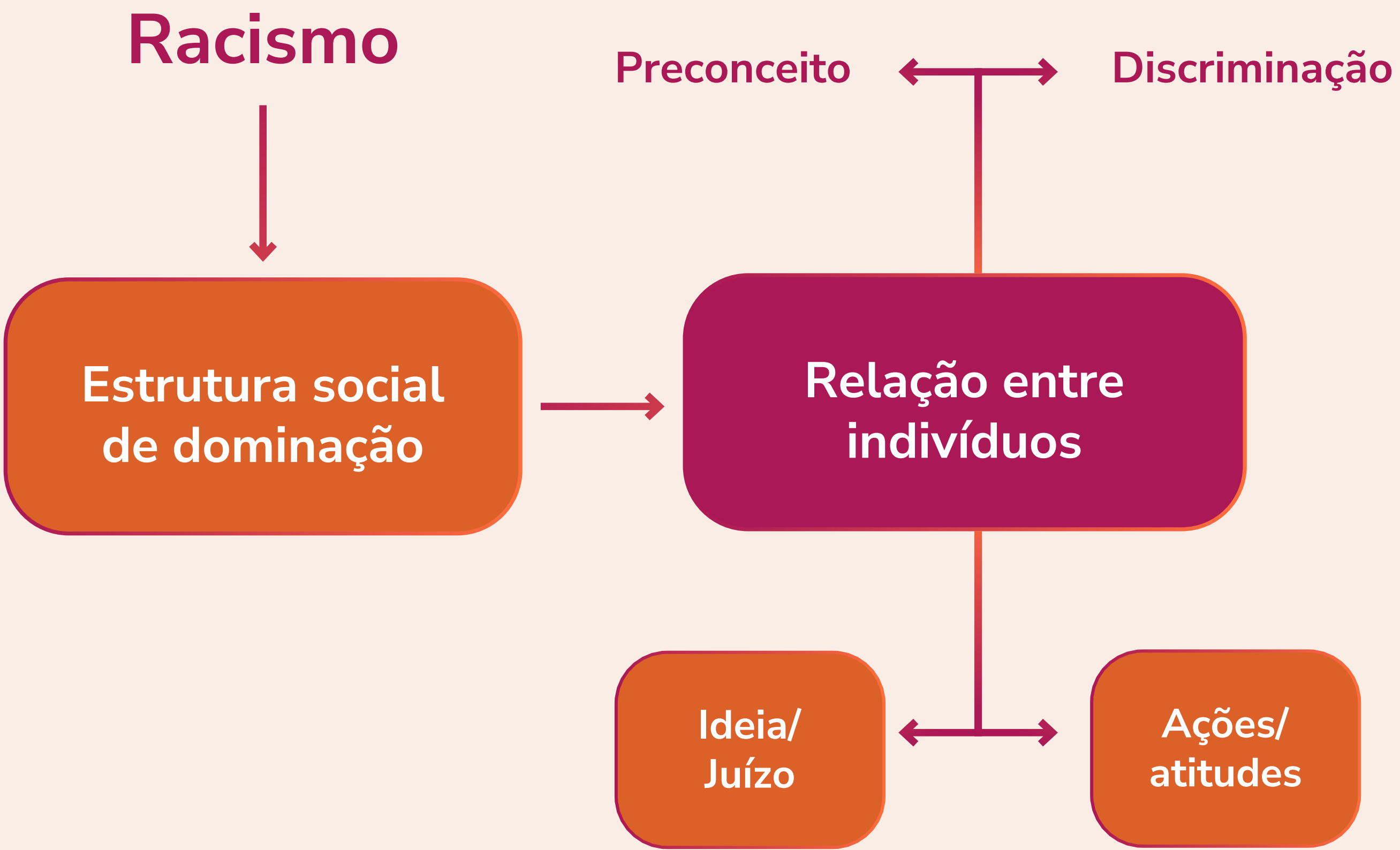
Discriminar é um verbo, ou seja, uma ação. Portanto, a discriminação ocorre ao marcar diferenças que influenciam na forma como o indivíduo e/ou grupo racializado será tratado. No caso dos povos indígenas e negros, o tratamento é diferenciado, baseado em estereótipos prejudiciais a esses grupos. Assim, a discriminação racial se manifesta como a prática do racismo e do preconceito racial.

Compreender os termos mencionados e suas diferenças é essencial para reconhecer ataques racistas e adotar medidas para enfrentá-los. O racismo está ligado à estrutura social e à dominação

12 Relato pessoal - Homem negro de 28 anos



de um grupo (branquitude), que se privilegia a partir desta situação, enquanto o preconceito racial ocorre no campo das ideias e a discriminação racial se manifesta nas ações, como ilustrado no esquema a seguir.



O racismo também se reproduz por meio de **estereótipos** que reforçam a ideia de inferioridade dos corpos negros. Um exemplo disso é a suposição de que todas as pessoas negras ocupam cargos subalternos, baseando-se na ideia de que mulheres negras são “guerreiras” e homens negros são “fortes e resistentes”, como se estivessem destinados a suportar qualquer adversidade. Da mesma forma, mulheres e homens indígenas são frequentemente retratados como “selvagens” e “preguiçosos”, reforçando estigmas que sustentam a discriminação.



O estereótipo se assemelha ao preconceito, mas se diferencia por criar uma padronização que coloca todas as pessoas negras e indígenas em rótulos que as desumanizam. Isso impõe normas comportamentais e reforça a ideia de que esses grupos são homogêneos, ignorando suas individualidades. Um exemplo comum é tratar a África como um único país, em vez de um continente com 54 nações, ou reduzir a população indígena à imagem de um povo que vive exclusivamente na floresta.



Assista ao TED Talk “O perigo de uma única história” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e entenda mais sobre as consequências da reprodução de estereótipos raciais no vídeo a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>





3. Interseccionalidade

O racismo e suas concepções (estrutural, institucional, individual) estão fundamentados em uma relação de poder sistematizada, que também está presente em outras formas de opressão, como a de classe social e de gênero, que irão gerar lutas sociais relevantes. Tanto a mulher negra e mulher indígena periférica, quanto a mulher branca periférica, irão passar por subordinações derivadas das opressões de classe e gênero, porém apenas as mulheres negras e indígenas serão atravessadas pelo racismo.



Compreender como as dimensões de gênero, raça e classe se manifestam no seu contexto de atuação amplia a perspectiva de ação contra as consequências causadas pelo agrupamento dessas dimensões, que também podem ser chamadas de eixos de poder. Quando esses eixos se cruzam e interagem, chamam atenção para a *interseccionalidade*.¹³



Interseccionalidade¹⁴ é o termo que designa a sobreposição de opressões. Assim, a partir da articulação de marcadores sociais – como raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, religião etc. –, ocorrem formas específicas de discriminações e violências.

13 Conceituado em 1989 por Kimberlé Crenshaw em sua obra *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*.

14 MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Glossário antidiscriminatório: volume 3 – raça e etnia*. Belo Horizonte: MPMG, 2022. p.47. Acesso em: 11 mar. 2025.



Para saber mais!



Vídeos:

- O QUE É BRANQUITUDE? https://www.youtube.com/watch?v=fZjLZder8_0
- Negritude, branquitude e privilégios (Aula 7) | Racismo e Antirracismo no Brasil no Século XXI <https://www.youtube.com/watch?v=kN28GXR5jyM&t=2s>
- O RACISMO de CADA DIA - Canal Preto <https://www.youtube.com/watch?v=Y5u-VzjiMDk>
- Saiba o que é interseccionalidade | Conversas Gostosas | Ana Paula Xongani | #todecacho <https://www.youtube.com/watch?v=4ZT3rQpvvSY>



Documentos

A questão étnico racial Africana e das culturas afro brasileiras. Senado Federal. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/f363b01f-5a77-4bc2-8fe5-6d220323147>



Para colocar em prática!



Na sessão “O mito da democracia Racial”, do [Guia de Atividades do Projeto “Pretas em Campo”](#), você encontra exemplos de atividades práticas que utilizam o futebol para trabalhar a temática.





Aprofunde suas raízes

Esperamos que este e-book tenha sido um solo fértil para o seu aprendizado! Convidamos você a explorar outros títulos da série de e-books do Raízes em Movimento, onde poderá aprofundar ainda mais seus conhecimentos e encontrar novas inspirações para ampliar sua prática educativa.



Módulo - Gênero e sexualidade



Módulo - Espaços seguros para meninas e mulheres no esporte



Módulo - Estratégias antirracistas



Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural: feminismos plurais**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

BARROS, Surya Pombo de. **Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg/> Acesso em: 13/03/2025

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Geledés, mar. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em 06/03/2025

LETÍCIA DOS SANTOS, C.; PESSOA NUNES, W.; PASSOS SILVA, A.; GUIMARÃES, J. de C. **Políticas públicas e interseccionalidade: debatendo gênero, raça e classe no sistema socioeducativo**. Germinal: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 302–316, 2023.



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Glossário antidiscriminatório: volume 3 – raça e etnia.** Belo Horizonte: MPMG, 2022. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/data/files/CD/21/18/FF/7A9A48106192FE28760849A8/CCRAD%20MPMG%20Glossario%20Antidiscriminatorio%20vol%203%20-%20Raca%20e%20Etnia.pdf> Acesso em: 11 mar. 2025.

MUNANGA, Kabengele, organizador. **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiologia do racismo nacional.** Petrópolis: Vozes, 2023. 280 p.

SCHUCMAN, Lia V. **A relação entre branquitude e privilégio.** Ciência Hoje, out. 2020. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-relacao-entre-branquitude-e-privilegio/>. Acesso em: 06 mar. 2025.

VERRANGIA, Douglas; GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências.** Educação e Pesquisa, v. 36, n. 3, p. 705–718, set. 2010.

RAÍZES EM MOVIMENTO



EMPODERA
Transformação Social pelo Esporte